

As filas nas escolas DF - Educação

Em comparação com outros Estados, a Educação no Distrito Federal vai bem, obrigado. O número de escolas, de salas de aulas, de professores, de qualidade de ensino e de outros atributos da área educacional deixam Brasília em posição de vantagem sobre a maioria das unidades da Federação, apesar dos velhos problemas pendentes, dentre os quais o mais antigo de todos é a remuneração justa do professorado e o seu pagamento em dia. Apesar de todas as vantagens, o DF tem sido palco de cenas muito semelhantes às que ocorrem em outros grandes centros do País - as filas de pais e de mães em busca de vagas para seus filhos nas escolas públicas.

São cenas comuns em outras cidades, mas que não deixam de causar surpresa e constrangimento em Brasília, principalmente quando o GDF, em farta matéria paga, não cansou de divulgar os bons aspectos do sistema educacional brasiliense. Mas,

então, como explicar as filas? Eis uma pergunta comum ao cidadão - que paga impostos - e gostaria de saber a razão pela qual um pai ou mãe precisa passar a noite ao relento para garantir vaga de seu filho em escola pública do GDF.

O princípio universal, defendido pela Unesco, é o de que toda criança tem direito à escola no bairro onde reside, da mesma forma que a família vai comprar pão e leite na padaria da esquina - e não a quinze quadras de distância. Dessa forma, a preferência de matrícula é, realmente, da criança que reside perto da escola. Não tem sentido que uma criança moradora na quadra 316 da Asa Sul, por exemplo, tenha de estudar na Asa Norte porque a escola de sua quadra está cheia de alunos procedentes de outras quadras da vizinhança. Imagine-se uma criança moradora em Taguatinga Sul tendo de ser matriculada em Ceilândia porque ocuparam todas as vagas próximas de sua casa. Em qualquer grande cidade do

mundo, a criança tem preferência de matrícula na escola pública do local onde mora. Se sobrar vagas, elas serão atribuídas às crianças residentes nas quadras vizinhas.

O Brasil, com a velha mania de reinventar a roda, talvez esteja querendo inovar em matéria de matrículas e, com isso, está causando uma grande confusão no ensino público. Não por falta de vagas nas escolas públicas, mas pela falta de critério correto de distribuição dessas vagas. Será esse o problema? Neste caso, a Secretaria de Educação deveria ter um mapa da demanda por vagas e procurar oferecer escolas e salas de aula onde a procura seja maior. Mas, em qualquer caso, é preciso respeitar o princípio da Unesco de que toda criança tem o direito de estudar preferencialmente perto de sua casa. E só em caso de sobras é que as vagas excedentes são oferecidas aos moradores das quadras ou dos bairros mais próximos.